

A leitura oral feita com bastante expressividade é uma forma de interpretar o texto.

Esta história é uma versão escrita por Ricardo Azevedo de um conto popular em prosa e para conhecer esse gênero de texto, analisaremos a forma como foi construído, sua organização, sua linguagem. Uma das características do conto popular é o humor. Por se tratar de um texto humorístico, a dramatização propiciará um momento de descontração e leveza. A dramatização do texto estruturado em diálogos torna possível destacar alguns vestígios da oralidade: linguagem espontânea, interjeições, expressões próprias da fala.

ATIVIDADES DE LEITURA

O CASO DO ESPELHO



Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata.

Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora. O homem abriu a boca. Apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos:

- Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui?
- Isso é um espelho – explicou o dono da loja.
- Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai.

Os olhos do homem ficaram molhados.

- O senhor... Conheceu meu pai? – perguntou ele ao comerciante.

O dono da loja sorriu. Explicou de novo. Aquilo era só um espelho comum, desses de vidro e moldura de madeira.

– É não! – respondeu o outro. – Isso é o retrato do meu pai. É ele, sim! Olha o rosto dele. Olha a testa. E o cabelo? E o nariz? E aquele sorriso meio sem jeito?

O homem quis saber o preço. O comerciante sacudiu os ombros e vendeu o espelho, baratinho.

Naquele dia, o homem que não sabia quase nada entrou em casa todo contente. Guardou cuidadoso, o espelho embrulhado na gaveta da penteadeira.

A mulher ficou só olhando.

No outro dia, esperou o marido sair para trabalhar e correu para o quarto. Abrindo a gaveta da penteadeira, desembulhou o espelho, olhou e deu um passo atrás. Fez o sinal da cruz tapando a boca com as mãos. Em seguida, guardou o espelho na gaveta e saiu chorando.

– Ah, meu Deus! retrato de outra mulher! mim! A outra é linda e cabeleira solta! Que pele bonita e mais moça do

Quando o homem casa toda desarrumada. A chão, não tinha feito nem

- Que foi isso,
- Ah, seu traidor

jararaca lá no retrato?

- Que retrato? –

– Aquele mesmo que você escondeu na gaveta da penteadeira!

O homem não estava entendendo nada.

- Mas aquilo é o retrato do meu pai!

Indignada, a mulher colocou as mãos no peito:

– Cachorro sem-vergonha, miserável! Pensa que eu não sei a diferença entre um velho lazarento e uma jabiraca safada e horrorosa?

A discussão fervia feito água na chaleira.

- Velho lazarento coisa nenhuma! – gritou o homem, ofendido.

A mãe da moça morava perto, escutou a gritaria e veio ver o que estava acontecendo. Encontrou a filha chorando feito criança que se perdeu e não consegue mais voltar pra casa.

- Que é isso,
- Aquele
- Ela ficou

amarrada.



– gritava ela desnorteadada. – É o Meu marido não gosta mais de demais! Que olhos bonitos! Que macia! A diaba é mil vezes mais que eu!

voltou, no fim do dia, achou a mulher, chorando sentada no a comida.

mulher?

de uma figa! Quem é aquela

perguntou o marido, surpreso.



menina?

cafajeste arranjou outra!

maluca – berrou o homem, de cara

– Ontem eu vi ele escondendo um pacote na gaveta lá do quarto, mãe! Hoje, depois que ele saiu, fui ver o que era. Tá lá! É o retrato de outra mulher!

A boa senhora resolveu, ela mesma, verificar o tal retrato.

Entrando no quarto, abriu a gaveta, desembulhou o pacote e espiou. Arregalou os olhos. Olhou de novo. Soltou uma sonora gargalhada.

– Só se for o retrato da bisavó dele! A tal fulana é a coisa mais enrugada, feia, velha, cacarenta, murcha, arruinada, desengonçada, capenga, careca, caduca, torta e desdentada que eu já vi até hoje!

E completou, feliz, abraçando a filha:

– Fica tranquila. A bruaca do retrato já está com os dois pés na cova!

AZEVEDO, Ricardo. O caso do espelho: In: Nova Escola, maio1999. P. 28-9

QUESTÃO 1

Você leu uma história que é a versão escrita por Ricardo Azevedo de um conto popular. Vamos conhecer melhor esse gênero de texto, analisar a forma como foi construído, sua organização, sua linguagem.

Com base na leitura atenciosa do conto acima, preencha o quadro abaixo com as informações referente à mesma:

FOCO NARRATIVO

ESPAÇO

TEMPO

PERSONAGENS

CONFLITO

Habilidade trabalhada

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta Comentada

Por ser uma narrativa curta, geralmente o conto apresenta apenas um conflito, e poucos personagens. O espaço em que atuam esses personagens é restrito, limitado, e o episódio localizado passa-se num curto lapso de tempo (horas ou dias). Sabemos que **foco narrativo** se refere à presença de um elemento que relata a história como participante (1º pessoa) ou como observador (3º pessoa), portanto o conto em estudo está sendo narrada em 3ª pessoa, tendo portanto um narrador observador. Embora não seja determinado o **tempo** de forma exata, podemos inferir que as ações transcorreram em um tempo passado através das seguintes expressões: “Era um homem...”, “Um dia...”, “Naquele dia...”, “No outro dia...”. Não há como precisar a duração dos fatos, talvez uma semana, pouco mais ou menos, por isso, o levantamento de hipóteses, o **espaço** é o local em que os fatos são narrados e onde se desenrolam, destacamos a

casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata, **os personagens** são seres criados pelo autor com características físicas e psicológicas determinadas, no texto em questão temos como personagens o homem que não sabia quase nada, o dono da loja, a mulher e a mãe da moça, e, por último, temos **o conflito** que é a situação de tensão entre os elementos da narrativa, em que no conto temos o seguinte: o engano cometido pelos personagens principais, em que confundem o espelho com um retrato.

TRECHO REMOVIDO

ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 4

Releia o fragmento do texto 1:

“– O senhor... conheceu meu pai? – perguntou ele ao comerciante.”

Quanto ao uso das reticências no trecho acima, é **CORRETO** dizer:

- A - () Indica introdução de uma fala num diálogo.
- B - () Indica a interrupção da fala do personagem.
- C - () Para sugerir o prolongamento da frase.
- D - () Para indicar o contrário do que se afirma.

Habilidade trabalhada

Reconhecer e usar adequadamente a paragrafação e a pontuação.

Resposta Comentada

Os sinais de pontuação são recursos gráficos próprios da linguagem escrita. Embora não consigam reproduzir toda a riqueza melódica da linguagem oral, eles estruturam os textos e procuram estabelecer as pausas e as entonações da fala.

O objetivo desta questão é que o aluno seja capaz de: construir um comportamento revisor em relação a seu próprio texto e ao dos outros; perceber que a pontuação é um recurso utilizado pelo autor para orientar o entendimento do leitor e constatar que, na maioria das vezes, há mais de uma possibilidade de pontuação.

Sendo assim, a resposta correta é a letra **B**, em que se encontra correta o uso das reticências.

TEXTO GERADOR II

Leia o conto “A Moça Tecelã”, de Marina Colassanti. Colassanti retrata um diferente tipo de perfil feminino nesse conto, por recursos de uma fábula, a mulher independente, que constrói a cada dia seus sonhos, a mulher que se basta por si mesma, que consegue perceber a interferência negativa do homem em sua vida, e muda a situação a tempo, porém também retrata a mulher apaixonada “cega” de amores pelo seu homem, que faz seus gostos por amor, por acreditar em seus sonhos, para tê-lo ao seu lado. Após a leitura do segundo texto gerador, responda às questões que se seguem:

A Moça Tecelã

Marina Colassanti

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

– Uma casa melhor é necessária – disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

– Para que ter casa, se podemos ter palácio? – perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

– É para que ninguém saiba do tapete – ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: – Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

Extraído do livro Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento, Global Editora, Rio de Janeiro, 2000.

TRECHO REMOVIDO

QUESTÃO 6

Aponte no texto o parágrafo construído basicamente por prosopopeia e explique o efeito de sentido que essa figura de linguagem emprega ao texto.

Habilidade trabalhada

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

Resposta comentada

Nesta questão espera-se que o aluno reconheça que as figuras de pensamento são recursos de linguagem que se referem ao significado das palavras, ao seu aspecto semântico.

Posto isso, o quinto parágrafo é construído basicamente por prosopopeia. Essa figura de linguagem está a serviço do gênero “conto de fadas” onde, geralmente, tudo cria vida e passa a compor um quadro único. No texto, em questão, a natureza cria vida a partir do tear e das mãos da moça tecelã e passa a interagir com ela em perfeita harmonia.

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 7

Segue abaixo o início de três contos de escritores brasileiros. Escolha um deles e dê continuidade à narrativa. Se preferir, escreva um conto com um assunto diferente dos propostos.



O conto literário consta dos mesmos elementos que o conto oral e é, como este, o relato de uma história bastante interessante e suficientemente breve para que absorva toda a nossa atenção.

(Horacio Quiroga)

TEXTO 1

Subitamente, não sabia mais como se ata o nó da gravata. Era como se enfrentasse uma tarefa desconhecida, com que nunca tinha tido qualquer familiaridade. Recomeçou do princípio. Uma vez, outra vez — e nada. Suspirou com desânimo e olhou atento aquele pedaço de pano dependurado no seu pescoço. Vagarosamente, tentou dar a primeira volta — e de novo parou, o gesto sem sequência. Viu-se no espelho, rugas e suor na testa: a mão esquerda era a direita, a mão direita era a esquerda.

(Otto Lara Resende. In: Italo Moriconi, org. *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. P. 315)

TEXTO 2

Ele se encontrava sobre a estreita marquise do 18º andar. Tinha pulado ali a fim de limpar pelo lado externo as vidraças das salas vazias do conjunto 1801/5, a serem ocupadas em breve por uma firma de engenharia. Ele era um empregado recém-contratado da Panamericana – Serviços Gerais. O fato de haver se sentado à beira da marquise, com as pernas balançando no espaço, se deveria simplesmente a uma pausa para fumar a metade de cigarro que trouxera no bolso. Ele não queria dispersar este prazer misturando-o com o trabalho.

Quando viu o ajuntamento de pessoas lá embaixo, apontando mais ou menos em sua direção, não lhe passou pela cabeça que pudesse ser ele o centro das atenções (...)

(Sérgio Sant’Anna. In: Italo Moriconi, org., op. cit., p. 402)

TEXTO 3

Ouvi primeiro o ruído de cascos pisando a grama, mas continuei deitado de bruços na esteira que havia estendido ao lado da barraca. Senti nitidamente o cheiro acre, muito próximo. Virei-me devagar, abri os olhos. O cavalo erguia-se interminável à minha frente. Em cima dele havia uma espingarda apontada para mim e atrás da espingarda um velhinho de chapéu de palha, que disse logo o seguinte:[...]

(Wander Piroli. In: Malcolm Silverman. O novo conto brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. p. 203.)

Ao produzir seu texto, siga as instruções:

CONTO E RELATO

“ [...] o contar não é simplesmente um relatar acontecimentos ou ações. Pois relatar implica que o acontecido seja trazido outra vez, isto é: *re* (outra vez) mais *latum* (trazido), que vem de *fero* (eu trago). Por vezes é trazido outra vez por alguém que ou foi testemunha ou teve notícia do acontecido.

O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se [...]”

(Nádia Battella Gotlib. Teoria do conto. 5. ed. São Paulo: Ática, 1990. p.12.)

- Tenha em mente que seu conto será lido por alguém.
- Antes de escrever, imagine o conflito, ou seja, a situação problemática que as personagens viverão, e como ocorrerá sua superação. Além disso, planeje a organização dos fatos, estruturando o enredo em partes (introdução, complicação, clímax e desfecho) ou encontrando uma maneira de subverter essa estrutura. No caso de sua escolha ter recaído sobre um dos inícios sugeridos, a introdução já está feita.
- Ao redigir, empregue uma variedade de acordo com a norma-padrão da língua ou outra, dependendo de quem é o narrador. Faça inicialmente um rascunho e, antes de passar seu conto a limpo, revise-o cuidadosamente, seguindo as orientações do boxe **Avalie seu conto**. Refaça o texto quantas vezes achar necessário.

Avalie seu conto

Observe se seu conto é uma narrativa ficcional curta; se apresenta poucas personagens, poucas ações e tempo e espaço bem reduzidos; se o enredo está estruturado em introdução, complicação, clímax e desfecho (ou se subverte intencionalmente essa estrutura); se a linguagem empregada está de acordo com o perfil do narrador e das personagens.

Habilidade trabalhada

Planejar e produzir um texto narrativo curto dos gêneros estudados.

Comentário

Considerando a leitura das introduções dos contos sugeridos, que são citadas acima, como motivadores, o aluno deverá optar por um e redigir um texto narrativo curto de acordo com as características referentes ao gênero em estudo, seguindo os padrões da norma culta.

TRECHO REMOVIDO